



CRISTINA COM KARINA, 11 ANOS; KETTELYN, 7 ANOS; E KAROLINE, 12 ANOS

BRASIL

Cristina tem a família que ela nunca sonhou ser possível. Agora com quarenta e quatro anos e morando em um subúrbio de São Paulo, Brasil, ela acorda todas as manhãs em uma casa cheia de amor e risos, graças a seu marido, suas duas netas - Karoline, doze, e Karina, onze - e sua sobrinha neta, Kettelyn, sete anos. Ela e o marido estão empregados, as filhas estão na escola e Cristina pode finalmente dizer que ela e sua família estão prosperando e têm esperança.

“Somos uma família feliz porque somos muito unidos,” diz Karoline. “Nós brincamos, vamos ao parque. Nós conversamos muito, somos comunicativos.”

É nada menos do que notável que Cristina seja estável, feliz e sóbria, quando você considera os traumas de seu passado.

Cristina cresceu em uma comunidade pobre em São Paulo, filha de mãe alcoólatra e pai que ela diz “não gostava” dela.

“Quando me lembro da minha infância e juventude, não tenho muitas coisas boas para lembrar,” diz ela. Quando ela era adolescente, ela fugiu para as ruas. Eventualmente, ela foi encontrada pelas autoridades e colocada em uma instituição.

UMA EPIDEMIA SEM FIM

Quando foi libertada do orfanato, Cristina voltou às ruas. Ao seu redor, as pessoas eram vítimas da epidemia de crack que começava a se espalhar em São Paulo. Aos dezesseis anos, Cristina engravidou e deu à luz uma filha que deu o nome de Patrícia. Mas logo após o nascimento de sua filha, Cristina finalmente sucumbiu à atração da droga e rapidamente se tornou viciada. “Conheci o crack por volta dos dezessete, dezoito anos,” explica ela. “E usei crack por dez a doze anos da minha vida.”







A cada dia que passava, sua filha se afastava cada vez mais.

A epidemia de crack devastou São Paulo e gerou um novo fenômeno na região de crianças que crescem com pais viciados, conhecidos como “órfãos do crack.” “O impacto do crack na minha vida e, em geral, na vida das pessoas na cidade foi enorme.” diz Cristina. “Acho que provavelmente há três ou quatro pessoas restantes da minha época que ainda estão vivas e têm alguns efeitos colaterais realmente pesados.”

Logo, Cristina se viu morando na Cracolândia, uma área da cidade onde milhares de viciados se congregam abertamente e o uso de drogas é descaradamente visível. Cracolândia é “um cemitério de pessoas vivas”, diz ela. “Não foi difícil entrar no crack. Eu vivia para o crack, acordava para o crack, dormia para o crack.”

Criar um bebê em Cracolândia estava, claro, fora de questão. (A área é regularmente invadida pela polícia, apenas para ser “reconstruída” por seus residentes alguns dias depois). Mas a força do vício de Cristina era muito forte. Ela perdeu a guarda de Patrícia, que foi entregue a um orfanato... assim como a própria Cristina havia sido. O ciclo de institucionalização da família de Cristina continuaria.



Enquanto sua filha estava abrigada, Cristina lutava para ficar limpa. Ela tentou a reabilitação algumas vezes, mas nunca funcionou. Um dia, Cristina optou por uma solução mais drástica. “Só quando coloquei álcool no corpo e coloquei fogo em mim mesma, consegui me livrar do crack. Eu estava percebendo que precisava me matar para escapar da situação.”

Esse momento foi um ponto de virada na vida de Cristina. Ela largou as drogas para sempre. Eventualmente, ela foi capaz de trazer Patrícia para casa.

Mas “casa” não foi suficiente para compensar os buracos na vida de Patrícia. Muitas crianças criadas em orfanatos desenvolvem comportamentos desafiadores que surgem de distúrbios de apego e ficam com raiva de seus pais por abandoná-los. Quanto mais tempo a criança fica em uma instituição, mais difícil se torna a reunificação. Esse foi o caso de Patrícia. “Ela ficou em um orfanato por cinco anos,” lembra Cristina, “e quando ela deixou o orfanato, eu não tinha nenhuma autoridade sobre ela.”

Quando Patrícia tinha treze anos, ela fugiu. Durante dois anos, Cristina a procurou nas ruas. A cada dia que passava, sua filha se afastava cada vez mais.



DUAS FILHAS; DOIS CAMINHOS DIVERGENTES

Tragicamente, Patrícia jamais se recuperaria de seu início traumático de vida: nascida nas ruas de uma comunidade devastada pelas drogas e depois colocada num instituição. As crianças replicam o que veem, e o que Patrícia via em todos os lugares era desprovido de esperança, de luz. Depois de muito procurar, Cristina descobriu que Patrícia também era uma adolescente viciada, vivendo na rua - assim como Cristina foi.

Enquanto isso, Cristina tinha outra filha, Luciana. Por estar sóbria, Cristina conseguiu manter Luciana sob seus cuidados, criando-a em um lar, com sua família. Hoje, Luciana tem 24 anos, mora perto de Cristina, é feliz e saudável.

Cristina não viu Patrícia por dois anos inteiros. Quando ela finalmente a encontrou, ela estava mergulhada em seu vício. Ela também estava grávida. “Foi quando meu mundo desabou de novo,” diz Cristina. Ela mesma tinha lutado contra o vício, e seus dois irmãos também eram viciados. “E agora, era minha filha.”

As semelhanças entre o caminho de Cristina e de sua filha continuaram a aparecer. Como Cristina, Patrícia daria luz a duas filhas, Karoline e Karina. E também como sua mãe, seu vício custou muito caro. Ela perdeu a guarda das filhas e, como o pai delas estava preso, elas, como sua própria mãe, foram abrigadas numa instituição. E então, com apenas 24 anos, Patrícia foi morta nas ruas de São Paulo.





Cristina agora se destaca entre aqueles que podem se chamar de sobreviventes.



QUEBRANDO O CICLO

Na sua dor, Cristina encontrou um caminho para seguir.

Com uma filha perdida, Cristina sabia que não poderia cometer os mesmos erros com as netas. Ela conquistou a guarda de Karoline e Karina e, assombrada pelas memórias da criação drasticamente diferente entre suas próprias filhas, jurou mantê-las juntas.

“Quando eles entraram na minha vida, eu me recuarei ainda mais,” explica Cristina. “Eu sabia que tinha que estar bem para que a mesma coisa que aconteceu comigo não acontecesse com eles.”

“Já passamos por muitos momentos difíceis e realmente espero que também tenhamos bons momentos,” diz Karoline.

O coração de Cristina continuou a crescer ainda mais quando ela descobriu que sua sobrinha também estava lutando contra o vício. Ela acolheu a filha de sua sobrinha, Kettelyn; agora Cristina e seu marido têm uma casa cheia de três garotas amadas e vibrantes. “Sinto que tenho a obrigação absoluta de lutar pela saúde, pela educação, pela vida delas,” diz ela. O ciclo aparentemente interminável de abuso de drogas, violência e negligência finalmente terminou. Cristina credits à ACER, uma organização local que reúne crianças sem cuidados parentais com membros de suas famílias extensas, por ajudá-la a interromper o ciclo. Ela e sua família foram algumas das primeiras a participar do programa pioneiro formal de cuidados na família extensa da ACER, o Família Guardiã, que oferece apoio social e financeiro e tem ajudado com sucesso famílias como a dela em todo o Brasil. “Para mim é muito importante ter toda essa ajuda [dessas] pessoas que estão se esforçando para estar ao meu lado e de me ajudar.” Depois de muitos anos de trabalho com a ACER, Cristina se formou com sucesso do programa em 2016.

De uma infância cheio de abuso e viciada, Cristina agora se destaca entre aqueles que podem se chamar de sobreviventes, quebrando o ciclo intergeracional de violência, vício e institucionalização. Cristina observa: “Chega de órfãos, chega de orfanatos, chega de crack na minha família.”